

A SOLIDÃO DE RIOBALDO E OS REFLEXOS DA NATUREZA NO ROMANCE E NA MINISSÉRIE GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Autores: ALEXIA FERREIRAMUNIZ, ANDREA CRISTINA MARTINS PEREIRA

Introdução

Este é um recorte do projeto de pesquisa intitulado “*Imagens/Memórias do sertão mineiro no romance e na minissérie Grande Sertão: Veredas*”, que envolve a obra literária de João Guimarães Rosa (1956) e a adaptação para televisão assinada por Walter George Dust e dirigida por Walter Avancini (1985). O objetivo do recorte a ser trabalhado é analisar a aproximação de elementos naturais regionais na construção da personalidade e na representação da solidão inerente ao personagem Riobaldo, nas narrativas literária e audiovisual.

A minissérie Grande Sertão Veredas foi ao ar em 1985, na comemoração dos 20 anos de aniversário da Rede Globo de Televisão, com 25 capítulos. Toda a obra foi filmada em cenários norte mineiros, o que garantiu a autenticidade do espaço em que se passa a narrativa do escritor mineiro. A minissérie foi muito bem recebida pelo público e pela crítica.

Segundo declaração do diretor Walter Avancini, na introdução do primeiro episódio da minissérie, a transposição desse romance para a televisão “tem dois significados: primeiro dissimular para os que sabem ler uma aproximação com o belo mundo de Guimarães Rosa, e segundo, levar para a maioria do público brasileiro, ainda infelizmente sem acesso ao mundo das letras, pelo menos um esboço desse magnífico universo”. Avancini afirma, ainda, o imenso trabalho que a equipe teve para garantir a “fidelidade” à obra literária, embora o termo fidelidade seja bastante discutido, e mesmo refutado, por teóricos e críticos que se dedicam ao estudo das relações entre literatura e outras artes.

O que se considera, atualmente, é a autonomia que uma tradução intersemiótica – de um sistema semiótico para outro, como por exemplo, da palavra para a imagem – possui em relação à sua fonte. Dessa maneira, uma obra adaptada da literatura para a televisão, que o caso da minissérie em estudo, apresenta diferenças importantes em relação à narrativa verbal, devido às particularidades dos signos envolvidos, quais sejam: os sons e imagens para a primeira, e a palavra escrita para a segunda. Sendo assim, a fidelidade entre uma obra adaptada em relação à sua fonte torna-se impossível. O que se pode observar é uma maior ou menor aproximação entre as duas. No caso de *Grande Sertão: Veredas*, apesar de a adaptação ter sofrido alterações importantes, pode-se dizer que a produção conseguiu levar o universo de Guimarães Rosa para a tela da TV, com muita competência, confirmando em parte a fala do diretor que reproduzimos acima.

Segundo Balogh (2004), a adaptação literária para a televisão geralmente é feita para minisséries, que é um dos formatos televisivos de maior prestígio no Brasil, capaz de tirar a programação da TV de sua mesmice cotidiana. Ainda segundo a autora, o telespectador de minisséries geralmente é constituído de um público cujo gosto é mais refinado, o que acaba por demandar um maior investimento na produção desse tipo de programa em relação a outros formatos ficcionais, como a novela, por exemplo.

Material e método

A metodologia utilizada é de cunho bibliográfico e videográfico. Primeiramente, foi realizada a leitura da obra literária e em seguida, assistiu-se a minissérie, buscando analisar as semelhanças e diferenças entre as duas obras, com foco nos elementos naturais regionais que representam a solidão inerente ao personagem Riobaldo. Em seguida, foram feitas leituras de textos teóricos e críticos que contribuíssem com o desenvolvimento da pesquisa, em especial sobre tradução intersemiótica, estudos comparativos entre literatura e audiovisual e construção de personagem. Os resultados que aqui se apresentam são parciais, uma vez que a análise comparativa propriamente, bem como seu entrelaçamento com a teoria, ainda está sendo desenvolvida.

Resultados e discussões

Na obra *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, a solidão de Riobaldo, em decorrência do amor proibido pelo amigo Diadorim, parece estar sempre refletindo na natureza, como se o homem e a natureza fossem complementos um do outro. A narrativa televisiva, por sua vez, traduz essa solidão por meio de cenários, sons e, claro, pela interpretação do ator que o representa, o que a torna passível de ser visualizada. Dessa forma, o poder de revelação direta que, conforme Eduardo Coutinho (1989), é um dos fatores que diferencia a palavra da imagem, contribui por concretizar elementos subjetivos sugeridos no romance.

Em muitas passagens, percebe-se uma associação dos elementos naturais e humanos estruturados conjuntamente e projetados na figura de Diadorim, de modo que revela aos poucos o verdadeiro significado que ele tem na vida do narrador/personagem. Um exemplo é o relato de Rosa (2001), na cena em que Riobaldo, em uma manhã, é descrito com sentimento de paz e alegria, sozinho, na beira d’água, e, ao escutar o canto de um pássaro, logo vê Diadorim chegando para perto dele. É como se a natureza, através do pássaro, avisasse Riobaldo da presença de Diadorim ou, mais do que isso, como se a natureza também manifestasse alegria pela chegada dele.



Na cena da minissérie, esse acontecimento é traduzido em imagens, seguindo minuciosamente o relato: ou seja, Riobaldo está sozinho, abaixado na margem do rio, quando ouve o som de um pássaro, vira-se para trás e vê Diadorim. Assim como no romance, é como se pressentisse, pelo som do pássaro, a presença do amigo. Esse tipo de elemento simbólico é recorrente tanto no romance, quanto na minissérie, e sempre aparece para marcar as mudanças emocionais do personagem, especialmente nos momentos de solidão vividos por Riobaldo, devido ao confuso sentimento que nutre por Diadorim.

Considerações finais

Preliminarmente, pode-se concluir que a minissérie buscou traduzir bem o sertão e a narrativa de Guimarães Rosa para o meio audiovisual, uma vez que as imagens, sons, cenários e diálogos buscaram uma aproximação máxima com a narrativa literária, garantindo uma semelhança capaz de sugerir “fidelidade”. Assim, os elementos naturais regionais presentes na minissérie reproduzem o espaço e os acontecimentos previstos na obra literária, na construção da personalidade e na representação dos sentimentos dos personagens – com destaque aqui para a solidão de Riobaldo -, transformando em imagens ou símbolos as descrições e metáforas presentes no romance.

Agradecimentos

Agradecemos à Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes, pelo acolhimento e apoio estrutural a esta pesquisa, por meio do programa de Iniciação Científica Voluntária.

Referências bibliográficas

AVANCINI, Walter, DURST, Walter George. *Grande sertão: veredas* (minissérie). Rio de Janeiro: Globo Marcas, 2009.

BRUNEL, Pierre, CHENEL, Yves. *Compêndio de Literatura Comparada* Lisboa, 2004.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1965.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

BRUNEL, Pierre, CHEVREL, Yves. *Compêndio de Literatura Comparada*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2004.

KOTHE, Flávio René. *Literatura e sistemas intersemióticos*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1981.

PINTO, Júlio. O espelho, o cinema, a tv e a palavra: possibilidades da mimese. In: VIEIRA, Else Ribeiro Pires, BENN-IBLER, Verônica (org.). *Culturas e Signos em Deslocamento. Belo Horizonte: UFMG, 1995.*

XAVIER, Ismail. Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema. In: PELLEGRINI, Tânia (et. al.). *Literatura, cinema e televisão*. São Paulo: Senac/Itaú cultural, 2003.